

Crescimento do DF abatido pelos juros

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

As altas taxas de juros e a crise política já fazem o setor econômico do Distrito Federal rever as projeções de crescimento para 2005. A previsão da Secretaria de Planejamento do Governo do DF (Seplan) para este ano, de aumento no Produto Interno Bruto (PIB) de 5,4% em relação à estimativa de 2004, não deve se confirmar. Os dados mais recentes da secretaria e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o DF são referentes

a 2002 e os anos seguintes são projeções. Economistas, no entanto, acreditam que o crescimento não ultrapassará 3%.

Os empresários também estão revendo para baixo suas estimativas. Amanhã a Federação das Indústrias do DF (Fibra) anuncia sua reavaliação para o setor. Da expectativa início do ano, de crescer 10%, agora será uma alta de no máximo 8%. A Federação do Comércio do DF (Fecomércio) registrou em julho o início da desaceleração. As vendas no mês passado ainda eram maiores que em 2004 — 13,2% em média, mas

houve um tombo em relação ao mês anterior, de 19,1%. A tendência deve se manter pela avaliação do presidente da entidade, Adelmir Santana, prejudicando até mesmo as vendas de fim de ano.

A culpa é da taxa de juros, segundo opinião unânime dos empresários. Com a inflação controlada, a crise política é responsabilizada pela manutenção dos juros em patamares elevados. “A taxa de juros alta desacelera a economia. Se os juros caírem talvez ainda dê para acelerar neste ano”, afirma o economista Raul Velloso.

Segundo o economista chefe da Fibra Diones Cerqueira é um desestímulo geral. “A taxa de juros assusta os empresários, que diminuem suas encomendas e não fazem investimentos. O que acaba inibindo a expansão do salário e derrubando as vendas. Vira uma bola de neve”, afirma. O peso da crise política na capital federal é ainda maior, segundo ele. “Grande parte das demandas da indústria local está ligada ao setor público. E a crise gerou uma paralisia no governo, que não renova contratos e nem assina novos”.

A desaceleração da economia prejudicou principalmente o setor da construção civil, responsável por 60% do faturamento da indústria local. A Paulo Octávio, uma das mais importantes construtoras da cidade, teve que rever suas expectativas e diminuiu os investimentos. Dos quatro lançamentos previstos para o segundo semestre deste ano, apenas um será feito. Os outros foram adiados para 2006, quando o setor espera um desempenho um pouco melhor, segundo Marcelo Carvalho, diretor da empresa. “No início do ano já não tí-

nhamos uma previsão extraordinária, mas o desempenho está sendo ainda pior. O mercado não está receptivo, não é um bom momento para lançar empreendimentos”, afirma. Com o adiamento do início das obras, a construtora lançará neste ano apenas duas construções. No ano passado, foram quatro.

O PIB do DF em 2002, de R\$ 35,6 bilhões, foi o oitavo maior do país, responde por 2,7% de toda a produção nacional e por 38,3% da região Centro-Oeste. O resultado de 2003 só será divulgado pelo IBGE no final deste ano.